
No lodaçal dos vícios: mulheres meretrizes e o discurso jornalístico do Correio do Paraná (1932-1937)OLIVEIRA, Wellington do Rosário¹

RESUMO: O presente artigo analisa a prostituição em Curitiba, na década de 1930, a partir do discurso jornalístico do periódico *Correio do Paraná* que chamava a atenção de seus leitores para as mulheres que faziam seu *trottoir* nas ruas e bairros da capital do Paraná, trazendo à tona personagens marcantes que foram vítimas do submundo da prostituição. O periódico se dizia um investigador infalível no combate à desordem oriunda da presença de mulheres meretrizes no espaço urbano. O *Correio do Paraná* enfoca diversas facetas da prostituição em Curitiba, tais como o proxenetismo, o significativo aumento de mulheres aliciadas à baixa prostituição, a mercantilização do corpo feminino de adolescentes e menores de idade, os *rendez-vous*, a prostituição de luxo e o *trottoir* em espaços tidos enquanto “civilizados”.

PALAVRAS CHAVE: Correio do Paraná; Curitiba; Prostituição.

In the swap of the addictions: prostitutes and the journalistic discourse of the newspaper Correio do Paraná (1932-1937)

ABSTRACT: This article analyzes prostitution in Curitiba in the 1930s, based on the journalistic discourse of the newspaper *Correio do Paraná*, which drew the attention of its readers to the women who made their *trottoir* in the streets and neighborhoods of the capital of Paraná, bringing to light characters who were victims of the underworld of prostitution. The newspaper said that it was an infallible investigator in the fight against the disorder originating from the presence of female prostitutes in the urban space. The *Correio do Paraná* focuses on several facets of prostitution in Curitiba, such as pimping, a significant increase in women attracted to low prostitution, the commercialization of the female body of adolescents and minors, *rendez-vous*, luxury prostitution and *trottoir* in spaces considered as "civilized".

KEYWORDS: Correio do Paraná; Curitiba; Prostitution.

INTRODUÇÃO:

O final do século XIX e o início do XX, marcou um importante processo de modernização dos centros urbanos de importantes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, fruto do pensamento crítico de sanitaristas e urbanistas. Foram implantadas medidas de revitalização de novas ruas e avenidas, a demolição de casarões, que deram lugar a novos prédios, a drenagem de pântanos e charcos, além da instalação da rede de esgoto e água nas cidades, que proporcionaria um

¹ Graduado em História pela Universidade Estadual do Paraná (Campus Paranaguá). Trabalha com estudos voltados à história das mulheres no Brasil. E-mail: geet_nakeed@hotmail.com. <<https://orcid.org/0000-0002-7646-4587>>

aspecto menos “insalubre”, e mais “civilizado”, na visão dos estrangeiros que frequentemente chegavam ao país pelos portos de Santos e da baía de Guanabara.

A cidade de São Paulo teve seu processo de modernização ainda durante o ciclo do café, mas foi no ano de 1911 que a cidade passou de fato a ser influenciada por modelos de cidades europeias como Paris, cidade *status* de modernidade e progresso. Foi neste ano que o então prefeito de São Paulo, Antônio Prado, realizou inspeções em cidades europeias, trazendo consigo modelos arquitetônicos de planejamento urbano, dando o início às reformas da capital paulista.

Durante esse processo, com as políticas vigentes em torno da estruturação da cidade, o governo passou a agir diretamente, ao tentar afastar as camadas mais pobres da sociedade dos principais pontos do centro, que incluiria os “grupos excluídos” da história (PERROT, 1992. p.71). Sob a condição de “não civilizados”, homens, mulheres, bêbados, mendigos, prostitutas e mulheres operárias, eram frequentemente taxados de “subalternos”, e culpados pela desordem urbana em ruas e bairros de regiões centrais.

Dessa forma, as meretrizes que realizavam suas atividades sexuais, em função da prática da prostituição pela região central de São Paulo, foram afastadas para regiões mais distantes do centro, longe de tudo que estivesse em contraposição ao projeto de modernização da cidade, que segundo (RAGO,1991, p.111) modificaria a chamada “Geografia do Prazer”, denominado também por *rendez-vous*², onde se concentravam pontos do baixo meretrício como ruas, pensões e cabarés.

Como ressalta Foucault (1988, p. 46), a relação entre meretrizes e as autoridades policiais passou a ser constante no que se refere à retirada dessas práticas libidinosas do meio urbano, pois segundo o autor, é a partir desse foco que ambos se chocam com o poder.

O discurso sobre a prostituição elaborado por médicos e higienistas do início do século XX, fez com que as autoridades policiais atuassem repressivamente nas ruas em combate ao baixo meretrício, que segundo a imprensa da época, seria responsável pela proliferação da sífilis³, que se espalhava por grandes cidades como Florianópolis (PEREIRA, 2004, p. 37).

² *Rendez-vous*, ou “lugares de encontro” em português, são locais espalhados pelos centros urbanos onde se localizam as atividades do meretrício.

³ Doença venérea contagiosa causada pelo contato sexual.

A PROSTITUIÇÃO NA IMPRENSA: *CORREIO DO PARANÁ*

Através de uma abordagem metodológica, pautada em análises de fontes periódicas, foi possível identificar que o *Correio do Paraná* desempenhou um importante papel no processo referente aos casos de desordem urbana, ao denunciar mulheres e *caftens* que juntos proliferavam badernas e confusões em ruas públicas, além da comercialização indevida do corpo feminino de menores ao submundo da prostituição, durante a década de 1930, na cidade de Curitiba.

O periódico *Correio do Paraná* foi fundado no ano de 1932 por Adherbal Stresser, que iniciou sua carreira jornalística em 1926, na cidade do Rio de Janeiro. Em Curitiba, após assumir a chefia da redação da *Gazeta do Povo*, fundou em 9 de abril de 1932 o *Correio do Paraná*, inicialmente nomeado como Órgão do Partido Liberal Paranaense, e chefiou a direção do periódico até o ano de 1934, e em seguida foi nomeado presidente da Associação Paranaense de Imprensa⁴.

Após o primeiro ano de lançamento, o periódico *Correio do Paraná* não poupou críticas em relação às autoridades públicas no que diz respeito à desordem urbana em Curitiba. Contando com ajuda da população para combater casos de desordem, fosse por meio de denúncias anônimas, ou cartas enviadas para a sede administrativa, o periódico estampou, durante os anos de 1932 e 1937, em inúmeras edições, a ausência do policiamento em combate à crimes desviantes no centro da cidade.

Um ano após a data da primeira edição, o *Correio do Paraná* já se manifestava sobre o assunto em uma sessão intitulada “Indicador Profissional”, no qual o leitor poderia se informar sobre possíveis médicos e especialistas em doenças do coração, pulmão, pele e etc. No entanto, entre as preocupações vigentes à saúde da sociedade curitibana, estavam também médicos especialistas em doenças venéreas, como a sífilis, indicando o então “eficaz médico da rua XV de novembro”, denominado Dr. Francisco Franco⁵.

Durante muitos anos, as prostitutas foram consideradas, segundo (FREIRE, 1983, p.265), um dos principais fatores no que diz respeito à degradação física e moral do homem. Era o pensamento de que a degradação física do indivíduo poderia levar à destruição das famílias, pois os libertinos que recorriam aos bordéis

⁴ CORREIO DO PARANÁ. Órgão do partido liberal paranaense. Curitiba, 9 de abril de 1932, p. 01.

⁵ CORREIO DO PARANÁ. “Hoina! Martye”, Curitiba, 3 de abril de 19933, p. 02.

e abrigos do submundo, acabavam contaminando suas esposas com doenças transmitidas muitas vezes por prostitutas, aumentando ainda, o número de mortalidade precoce de recém nascidos, devido às infecções transmitidas de marido para esposa.

Além da prostituição ser um problema referente aos “bons costumes” da sociedade, tornou-se também um problema de saúde pública, pautado pela manutenção da ordem e da sanidade dos locais públicos, tidos enquanto “agraves à saúde pública”. As autoridades se mobilizaram para estabelecer a ordem em casas de tolerâncias em que se davam a bebedeira e o uso excessivo de drogas, devido ao fato de muitas meretrizes serem obrigadas a seduzir seus companheiros, oferecendo-lhes bebidas alcoólicas e cocaína como forma de obter maiores lucros.

Era comum por meio de periódicos, as ocorrências por crimes de gênero contra mulheres prostitutas, por estarem inseridas num contexto que as classificavam por adjetivos como “putas, “degeneradas” e “mentirosas”, elaborados sobretudo em contraposição à figura da mulher dona de casa. Isso se consolidou enquanto espécie de “legado” atribuído às prostitutas desordeiras, que tiravam a paz e o controle dos centros urbanos:

A prostituição-crime, a prostituta-criminosa, são concepções errôneas de outras épocas. Seja fenômeno fisiológico, seja fenômeno patológico, da vida coletiva, a prostituição aparece hoje a moralistas, sociólogos e criminólogos como resultante do meio social, tendo por causa direta, preponderantemente, quase exclusiva, a miséria, tomada essa expressão no seu significado mais amplo. (RAGO, 1991, p. 151.)

Durante os séculos XIX e XX, os casos de processos desviantes como roubos, tendo como personagens mulheres meretrizes, sejam elas protagonistas ou testemunhas, passaram a ser cada vez mais frequentes em processos criminais, ainda que por inúmeras vezes, por estarem inseridas numa condição imoral, as meretrizes raramente eram absorvidas, pois pouco importava a sua defesa quando fosse provado sua real condição de mulher da vida.

A partir dos séculos XVII E XVIII os arquivos policiais passaram a ser os mais ricos no que se refere a História das Mulheres, quando a ordem nas ruas tornou-se uma obsessão, pois foi o período onde as mulheres começam a perturbar as ordens com mais frequência e se tornarem mais livres em relação aos homens. (PERROT, 2016, p.23)

O número de queixas referentes a processos de badernas em ruas e bairros das proximidades do centro urbano de Curitiba, fez com que a figura da mulher prostituta se associasse aos demais grupos denominados “degenerados”, e

classificados enquanto “vândalos” pelas autoridades públicas. Muitas dessas localidades “marginalizadas”, como guetos e lugares de sociabilidade diferenciados que, segundo (HOLTZ, 2005, p.15), eram ocupados por grupos marginais como jogadores, prostitutas, vagabundos, *cafténs*, *mendigos* e *bandidos*, todos frutos de um processo de desenvolvimento acelerado e desordenado das cidades brasileiras.

UM DESAFIO À POLÍCIA

Em 1932, o periódico *Correio do Paraná* noticiou em sua edição do dia primeiro de julho, uma reportagem “Desafio à polícia”, onde chamava a atenção das autoridades públicas, como agentes responsáveis pelo policiamento, para o crescente número de locais conhecidos no mundo da prostituição por *rendez-vous*, espalhados por toda a cidade de Curitiba, devido ao fenômeno de urbanização e expansão do território, fazendo cobranças para que medidas cabíveis fossem tomadas para controle do baixo meretrício em pontos centrais da cidade⁶.

O jornal adotou, no decorrer de suas publicações, uma postura crítica à toda forma de prostituição, principalmente a prostituição clandestina, que se manifestava à luz do dia, alegando ser a “profissional do amor” uma ameaça e um perigo vivo aos bons costumes da sociedade, capaz ainda de criar discórdia, incomodar a ordem pública e sujar a higiene da “raça”. Seria por meio da educação sexual, inserida no âmbito familiar, que a higiene transformaria homens e mulheres em “reprodutores e guardiões de proles sãs e raças puras” (FREIRE, 1983, p, 14).

Contudo, o *Correio do Paraná* se mostrou um “Vigilante infatigável” da opinião pública, acolhendo reclamações de leitores e tendo como obrigação, repassar às autoridades denúncias de desordem na cidade de Curitiba, para que assim a população não se sentisse “oprimida”, em razão das “imoralidades” de mulheres prostitutas e de outros membros das camadas menos favorecida da sociedade⁷.

Durante os anos de 1932 e 1937 não foram poucas as campanhas contra a prostituição clandestina de mulheres pobres e os famosos *rendez-vous* da cidade de Curitiba. O jornal fazia questão ao levantar a bandeira em combate ao meretrício, denunciando as casas de *rendez-vous* espalhadas pela rua Quinze de Novembro,

⁶ CORREIO DO PARANÁ. “Desafio à polícia: desafiamos a polícia a iniciar uma campanha contra os ‘rendez-vous’, a perseguição despótica contra a baixa prostituição”, Curitiba, 1 de julho de 1934. p. 01.

⁷ CORREIO DO PARANÁ. “Curitiba, cidade despolicada!”, Curitiba, 22 de agosto de 1932. p. 08.

nos bairros Juvêvê, Portão, Batel, Cajuru e demais localidades, onde ninguém jamais suspeitaria que tais práticas libidinosas fossem se abrigar, tomando a iniciativa de chamar a atenção para o policiamento no local⁸.

As investidas policiais no contexto da prostituição durante a década de 1930 em Curitiba, viam o baixo meretrício enquanto “ameaça ao patrimônio moral da sociedade”, pelo significativo aumento da expansão do lenocínio na cidade. Apesar de todo o esforço das autoridades em combater essa prática, eram inúmeras as casas de *rendez-vous* espalhadas pela cidade que começavam a ganhar força ao se expandirem para as vias públicas, o que poderia causar uma “destruição moral” em mulheres de “boa conduta”⁹.

Um caso chegou a ser publicado sob o título de “Os mercados de amor da URBS em Curitiba”. Um leitor do periódico relatou que algumas meretrizes mudaram para as proximidades da rua Visconde de Guarapuava, e que estariam praticando atos ilícitos pela região. Após a abordagem policial, foram intimadas para depor na delegacia de costumes as meretrizes Antônia, Anna e Helena. O motivo de tal intimação se deu ao fato de que essas mulheres deveriam se mudar para zonas mais afastadas, ou enquanto permanecessem na rua Visconde de Guarapuava deveriam respeitar as famílias próximas “honrosas”, sendo necessário evitar “eventuais desordens”¹⁰.

Pode-se considerar que a localização dos *rendez-vous* de Curitiba também se configurasse no que (RAGO, 1991, p. 100) chamou de “Geografia do Prazer”. Segundo a autora, na cidade de São Paulo era comum policiais identificarem localidades como ruas ou bairros onde a prática da prostituição era comum. Em Curitiba, após o processo de identificação de mulheres meretrizes, denominadas “borboletas”, foi possível perceber uma “geografia” específica dos territórios onde exerciam suas funções (ELISA, 2016, p.92).

Curitiba, como indicou a reportagem sobre a expansão do meretrício para a rua Visconde de Guarapuava, acabou ferindo as “regras” de separação entre uma geografia do prazer e uma geografia moral. O meretrício da rua Visconde de Guarapuava estava infiltrado em uma região da cidade habitada por famílias de

⁸ CORREIO DO PARANÁ. “Existe rendez-vous até em plena rua quinze de novembro, onde está a polícia?”, Curitiba, 20 de junho de 1934. p. 06.

⁹ CORREIO DO PARANÁ. “A prostituição clandestina, os Rendez-vous e o código penal”, Curitiba, 12 de junho de 1934. p. 01.

¹⁰ CORREIO DO PARANÁ. “Os mercados de amor da URBS”, Curitiba, 8 de outubro de 1935, p. 08.

classe média, “respeitosas”, de “boa índole” e dos “bons costumes”, segundo o periódico, resultando em um incomodo para os moradores que realizavam constantes denúncias.

Percebe-se que existiam regras morais de saneamento urbano não-escritas, mas que foram claramente entendidas pela sociedade. Nesse sentido, o que se pretendia não era a extinção do meretrício, mas sim uma desfragmentação de espaços de convívio social e respeitável, reservado às mulheres de família como praças, mercados e teatros. Por sua vez, os homens sempre tiveram determinada “liberdade” para transitar entre as ruas e os bairros, além de zonas do baixo meretrício da cidade.

A geografia moral da cidade é aplicada, sobretudo, para submeter e separar os corpos femininos em espaços compartilhados da cidade. Todavia, é digno de nota que tal “geografia” é um mecanismo de controle contra a mulher, como forma de manipular e controlar ações de sujeitos, classificando-os pela sua condição social.

Para o *Correio do Paraná*, o que se pretendia não era acabar com a prostituição em si, mas sim combater o baixo meretrício, distribuído de forma aleatória pela cidade de Curitiba. Para isso, seria necessário primeiro localizar os agentes proxenetas responsáveis pelo aliciamento de mulheres das camadas inferiores da sociedade que recorriam à prática da prostituição como única forma rentável de subsistência, se sujeitando à prostituição em locais inapropriados, sem higiene, segurança e arrecadação adequada¹¹.

Para a sociedade do início do século XX, a prostituição era um mal necessário, pois a prática era responsável pela iniciação da vida sexual do jovem adolescente para a fase adulta. Eram nos bordeis, cafés concertos e cabarés que os rapazes iniciavam as práticas sexuais, com o intuito de impedir relações sexuais de maneira precoce antes do casamento com suas pretendentes, preservando assim a “pureza” da noiva antes da cerimônia religiosa.

A prostituição existe em toda parte e em toda parte ella é irreprimível, porque é um mal necessário ás collectividades. Em várias cidades do mundo ella é até regulamentada pelos poderes públicos, localizada e inspecionada por autoridades policiais e sanitárias.¹²

¹¹ CORREIO DO PARANÁ. “Um apelo ao dr. Linhares”, Curitiba, 9 de junho de 1933, p. 03.

¹² CORREIO DO PARANÁ. “ONDE ESTAMOS? A acção do delegado de costumes promove a destruição de lares e agrava a deshonra de famílias!”, Curitiba, 4 de setembro de 1934, p. 04.

Em periódicos e revistas da época segundo (PEDRO, 2015, p, 305), era comum a circulação de notícias em torno do discurso sobre a condição de mulher submissa ao marido. No sul do país, através dos periódicos que circulavam entre as capitais, era comum notas referentes à condição feminina, aos bons costumes da família tradicional, as boas maneiras e regras do que seria um bom cidadão, além de listas e poemas que visavam valorizar a condição da mulher e do homem, tendo em vista seus respectivos papéis na sociedade.

Havia ainda, um imaginário de que a figura da mulher prostituta tomasse conta do espaço público, corrompendo assim a presença da mulher dona de casa no âmbito público. Dessa forma, a presença de meretrizes influenciaria mulheres donas de casa no que se refere ao comportamento em público e suas ações, passando a agir de modo vulgar, como “putas”, ou “baderneiras”, podendo resultar até mesmo em adultério, fato que durante muitos anos foi considerado um crime, dando ao homem o direito de tirar a vida de sua esposa, caso lhe traísse.

Na virada do século, as imagens das prostitutas tornaram-se as referências de como as mulheres não deveriam ser. Seus comportamentos, seu modo de falar, vestir, de perfumar-se, eram aqueles que deveriam ser evitadas pelas mulheres que quisessem ser consideradas distintas. (RAGO, 1991, p. 134)

Contudo, as investidas policiais por parte da delegacia de costumes da cidade se limitavam ao combate do meretrício na região central da cidade. Durante seu mandato como delegado de polícia de costumes em 1924, o Dr. Francisco Raitani iniciou uma nova medida de combate ao meretrício em ruas de regiões centrais da cidade. Aos poucos, foi possível deslocar inúmeras casas de tolerância e mulheres de “má conduta” para região afastadas do centro da cidade, mas tal medida não se mostrou eficaz, pois durante o termino de seu mandato as investidas se ausentaram, o que proporcional um maior agrave no início da década de 1930.

Ao anoitecer, nas ruas Travessa Irany, José Bonifácio e do Rosário, algumas prostitutas passavam, segundo denúncias dos moradores, a promover escândalos e desordens, muitas vezes alcoolizadas. Em artigo no *Correio do Paraná*, sem identificação de autoria, um morador se queixa ao então delegado de costumes da cidade, Linhares de Lacerda, que as mulheres promoviam algazaras naquelas ruas, e que tiravam o sossego das famílias que ali residiam. Para averiguar o teor da

denúncia, o *Correio do Paraná* ficou responsável em encaminhar um repórter ao local mencionado para averiguar a veracidade da denúncia¹³.

O caso foi encaminhado ao delegado e foram tomadas as devidas providências, sendo as meretrizes “indesejadas” aconselhadas a não frequentarem aquelas ruas e que respeitassem a boa moral e a conduta das famílias que ali residiam. Havia ainda uma noção de que a ausência de policiamento nas ruas de Curitiba favorecesse a presença de meretrizes e mendigos em calçadas e portas de estabelecimentos, o que impedia a circulação das famílias durante a noite.

O *Correio do Paraná* chamava a atenção de autoridades para que a presença da polícia nas ruas permanecesse constante, e não apenas quando ocorressem fatos tidos como “extraordinários”. Havia uma percepção de que nos momentos de ausência por parte de autoridades locais, a “vadiagem” afloraria no tecido urbano. Os principais problemas de Curitiba, relatados pelo periódico durante a década de 1930, eram os frequentes assaltos durante o dia, os jogos proibidos, os “maus hábitos”, a mendicância, além da prostituição e o vandalismo. Nesse aspecto, a cidade de Curitiba não se destoa do conjunto das principais capitais brasileiras do período.

COMÉRCIO IMORAL

No contexto da década de 1930 na cidade de Curitiba o meretrício não esteve apenas vinculado aos casos de desordem urbana, causado por meretrizes em ruas e bairros bem refinados da cidade, segundo o discurso da época, mas também esteve relacionado a outros agentes responsáveis por proliferar a prática da prostituição na cidade. Dessa forma, além dos *rendez-vous* havia ainda a exploração de adolescentes, o aliciamento de mulheres pobres e trabalhadoras e o tráfico de mulheres.

Nas casas onde abrigavam mulheres meretrizes, como pensões e cabarés, muitas vezes os agentes proxenetas responsáveis acabavam obrigando essas mulheres a se submeterem a condições subumanas. É preciso levar em conta que, invariavelmente por detrás dos *rendez-vous*, estavam homens, mulheres e *caftens* que submetiam as mulheres ao mundo da “vagabundagem”, sendo obrigadas a

¹³ CORREIO DO PARANÁ. “Um apelo ao dr. Linhares”, Curitiba, 9 de junho de 1933, p. 03.

atender homens “inescrupulosos”, sem higiene e respeito, homens da mais baixa categoria social, como forma de dominação às mulheres.¹⁴

A exploração de mulheres em Curitiba se deu de diversas maneiras, desde a mais precária troca de serviços sexuais por abrigo e alimento, até a situação mais vantajosa de cabarés e cafés concertos, onde mulheres eram administradas por cafetinas que acolhiam essas jovens como “filhas” e lhes ensinavam as boas maneiras, para servir a uma clientela mais privilegiada, como homens importantes da elite curitibana.

Em um caso de cafetinagem, um jovem rapaz teve sua carteira furtada ao ser atraído por uma suposta mulher. Ao perceber o acontecimento, o rapaz denominado Ulysses Teixeira, se encaminhou até a delegacia para prestar queixa. Conhecida por Geny, a acusada afirmou que seu marido não trabalhava, e que o mesmo fazia com que ela aliciasse homens para dentro de casa para furta-los. Ao relatar o acontecimento, a mulher intimada afirmou ainda estar na miséria e que seu marido pretendia oferecer a honra de sua filha menor, de 15 anos, para um indivíduo cafajeste, em troca de dinheiro¹⁵. Casos como o de Ulysses não repercutiam tanto pelo fato de serem homens casados, que optavam pelo silêncio ao serem protagonistas de escândalos que envolvessem roubos e principalmente a prostituição, como ressalta (SOIHET, 2015, p, 394) ao analisar processos criminais envolvendo mulheres prostitutas no Rio de Janeiro.

Não foram poucos os casos de adolescentes menores de idade no “lodaçal dos vícios”. No artigo “Comercio de Mulheres”, o periódico chama atenção para uma queixa gravíssima e cobra a apuração do caso envolvendo um indivíduo conhecido por Severino Nicolau Ransis, residente do bairro Portão, acusado de seduzir mulheres e menores, conduzindo-as até sua residência para comercializa-las¹⁶.

A prostituição de luxo por sua vez, teve um papel fundamental no contexto curitibano da década de 1930. O *Correio do Paraná* ressalta que até mesmo para a prostituição de luxo havia limites, e que apesar dos locais frequentados serem substancialmente melhores do que em relação ao baixo meretrício, também gerava

¹⁴ CORREIO DO PARANÁ. “Desafiamos a polícia: desafiamos a polícia a iniciar uma campanha contra os *rendez-vous*, a perseguição despótica contra a baixa prostituição”, Curitiba, 1 de julho de 1934, p. 01.

¹⁵ CORREIO DO PARANÁ. “Vivia às expensas da prostituição da esposa e da filha”, Curitiba, 5 de junho de 1936, p.03.

¹⁶ CORREIO DO PARANÁ. “Comercio de mulheres, uma queixa gravíssima apresentada á delegaciade costumes”, 7 de abril de 1933, p. 03.

preocupação, pois a prostituição é de luxo para quem usufrui, e não para quem oferece. Nesse caso, a vida dessas mulheres continuava à beira da miséria, pois segundo o periódico “os mercados da carne, rotulada de honestidade e recato tem imunidades, são sagrados, são intangíveis”¹⁷.

Conforme o *Correio do Paraná*, o número de bares, restaurantes e hotéis na década de 1930 cresceu principalmente devido a expansão da exploração do lenocínio em Curitiba. Dessa forma, a polícia de costumes não se esforçava para tomar providencias repressoras contra os traficantes de “carne branca” e a única saída seria a expulsão em massa de pessoas indesejadas, que exploravam a prostituição, corrompendo com os bons costumes¹⁸.

A instalação de prédios e hotéis com alvarás garantidos, impedia que as autoridades públicas viessem a tomar medidas rigorosas com objetivo de controlar os casos de *trottoir*¹⁹ que aconteciam pela cidade. Esses hotéis estabelecidos em endereços do “pecado”, com finalidade duvidosa, faziam com que a circulação de mulheres suspeitas aumentasse criando “focos de vadiagem” e comércio de mulheres na cidade.

No dia 01 de Junho de 1934 o periódico questionou a atuação da polícia de costumes na prevenção de traficantes da carne branca em Curitiba. Segundo o jornal, na cidade havia organizações especializadas na exploração de mulheres como o *Zwi-Midga*²⁰. Para o periódico o código penal do Estado não passava de um “mito”, visto que as autoridades se mostravam empenhadas apenas ao combate de crimes políticos, roubos e mendigos sem tetos²¹.

Entre os anos de 1929 e 1931 os percentuais de meretrizes em Curitiba, por nacionalidade, eram o seguinte: Brasileira cerca de 93,43%, seguido das alemãs com 1,58% e das francesas 1,46%, além de outras quatorze nacionalidades, entre as quais europeias e latino-americanas. A autora (ELISA, 2016, p.200) ressalta que no mesmo período as mulheres meretrizes solteiras eram aproximadamente 57,99%, seguido das casadas que totalizaria 32,60%.

¹⁷ CORREIO DO PARANÁ. “A prostituição de luxo de imunidades”, Curitiba, 3 de abril de 1934, p.02.

¹⁸ CORREIO DO PARANÁ. “Endereços do lenocínio aguardam o *Trottoir* das mudanças: Nas alcovas do pecado nutre-se o rufianismo de Curitiba!”, Curitiba, 1 de setembro de 1950, p. 02.

¹⁹ Comercialização do corpo feminino em calçadas públicas, como ruas e praças das cidades.

²⁰ A *Zwi-Migdal* foi uma organização criminosa que atuou na América do Sul nas primeiras décadas do século XX, sendo estes, os responsáveis pelo maior tráfico de mulheres brancas da América do último século.

²¹ CORREIO DO PARANÁ. “No midgal da prostituição”, Curitiba, 13 de abril de 1933, p.02.

No que se refere ao perfil dos traficantes exibidos pelo periódico, muitos eram donos de propriedades e estabelecimentos de fachada, conforme o jornal exemplificado nos casos de batidas policiais em centros de “macumba e feitiçaria”, que por muitas vezes serviam de rótulos falsos para a exploração do lenocínio em Curitiba²².

A reportagem sobre o “Caso da demente milionária”, em 1937, expôs Gabriela Brune Sieler, uma dama da sociedade em estado mental “duvidoso”, segundo seu irmão Georges Masset. Proprietária de inúmeras joias e títulos, fruto de seu primeiro matrimônio, além de muito dinheiro, fruto também da atividade como traficante de escravas brancas e exploradora do lenocínio²³, foi detida em diferentes capitais do mundo como Berlim, Paris, Londres e Buenos Aires, atuando também na capital do Paraná.

Durante a década de 1930 o *Correio do Paraná* foi além das críticas às autoridades públicas e deu voz para a população, especialmente dos bairros centrais, que relatavam a insatisfação com o serviço prestado pelas autoridades em combater os grupos marginalizados da cidade, que para muitos, além da desordem, trazia a sujeira, a doença e a desonra de lugares infames aos bairros “civilizados”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Correio do Paraná* se via enquanto um interlocutor entre as reivindicações populares e as autoridades locais, denunciando desde a primeira publicação em 1932, casos de prostituição na cidade de Curitiba que, segundo o periódico, seria fruto do crescimento contínuo e desordenado do lenocínio em Curitiba, sendo a prostituição um dos diversos fatores que levava a desordem pública à cidade.

Se por um lado o periódico atendia as manifestações de um determinado grupo da sociedade, conseqüentemente acabaria por ocultar outro grupo, o das meretrizes que ao serem retiradas de bairros e ruas centrais, seriam afastadas e posteriormente esquecidas, o que agravaria ainda mais o meretrício nas proximidades do centro da cidade, longe de toda forma de regulamentação e controle social.

²² CORREIO DO PARANÁ. “Aristocracia e macumba”, Curitiba, 21 de setembro de 1932, p. 03

²³ CORREIO DO PARANÁ. “Ainda, o caso da demente millionaria”, Curitiba, 01 de setembro de 1937, p. 01.

O periódico continuou tendo um papel fundamental no que se refere às queixas populares até a data de sua extinção, na década de 1960, sempre dando ênfase ao papel que o meretrício exercia na cidade de Curitiba, dando voz as preocupações no que se refere ao centro da cidade, e sempre demonstrando oposição às investidas policiais que pouco efeito tinha sobre o problema. Dessa forma, o jornal compreendia que os vícios que levavam à depravação da cidade era fruto da ineficácia das autoridades públicas no combate a exploração de adultas e menores aliciadas para o meretrício em estabelecimentos como cabarés e pensões, espaços de contato com drogas e bebidas alcoólicas.

REFERÊNCIAS

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

ELISA, Nayara. *Um incomodo moral: O controle policial do meretrício em Curitiba*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016, p. 92-200.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Edições Graal, 1988.

HOLTZ, Edson Leme. *Noites ilícitas: Histórias e memórias da prostituição*. Londrina: EDUEL, 2005.

PEDRO, Joana Maria. *Mulheres do Sul*. In: DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

PEREIRA, Ivonete. *As decaídas – Prostituição em Florianópolis 1900-1940*. Florianópolis: UFSC, 2004.

PERROT, Michelle. *Minha História das mulheres*. Tradução de Ângela M.S. Correa. 2 edição. São Paulo: Contexto, 2016.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da História – Operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

RAGO, Margarth. *Os prazeres da noite – prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1991.

SOIHET, Rachel. *Mulheres pobres e violência no Brasil urbano*. In: DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015, p.362-400.

FONTES

CORREIO DO PARANÁ. Curitiba, 9/4/1932, 22/8/1932, 21/9/1932, 3/4/19933, 9/6/1933, 3/4/1934, 12/6/1934, 20/6/1934, 4/9/1934, 8/10/1935, 5/6/1936, 1/9/1937, 1/9/1950. (Hemeroteca da Biblioteca Nacional - <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>)

Recebido em: 28/07/2018
Aprovado em: 27/03/2019